

## Sinais dos novos tempos

*Carlos Honorato, maio de 2016.*

Uma pergunta que todos fazem já faz mais de um ano é: se as coisas (economia) iam tão bem em 2008 porque entramos no buraco (crise econômica)?

A resposta dessa questão é simples: o remédio em 2008 era adequado e deu certo, então o governo chegou a conclusão que ele era um “santo remédio” e serviria para qualquer tipo de doença. Explicando: o “remédio mágico” encontrado para a situação econômica de 2008 foi a ampliação do crédito para consumo. Para tanto, o Tesouro Nacional aumentou R\$117 bilhões os créditos concedidos às instituições financeiras oficiais, sendo R\$110 bilhões só para o BNDES. O remédio foi adequado e a economia reagiu, retomando a trajetória de crescimento. O problema do remédio foi a descoberta do seu lado “mágico” por parte do governo: a ampliação de crédito resolver sempre!

Com essa visão equivocada, bem característica de governos populistas latino-americanos, o governo abriu os cofres e ampliou de forma irresponsável os seus gastos. A lógica da estratégia “populista-irresponsável” era: o importante é consumir e se as pessoas (famílias) não querem consumir, então o governo consome para colocar mais dinheiro circulando na economia.

Não satisfeita em desorganizar a economia local os “economistas-populistas-irresponsáveis” oficiais resolveram aumentar a circulação do dinheiro no mundo e começaram a financiar obras na África e na América Latina. Certamente alguém esqueceu de dizer para eles que a moeda era o “real” e que eles estavam no Brasil!

Conseqüência inevitável: desorganização econômica e problemas gigantescos nos arranjos macroeconômicos. Desorganização econômica, pois o nível de consumo gerado era artificial e gerou o maior endividamento das famílias brasileiras de toda a história nacional (logo, dos últimos 515 anos!). Problemas macroeconômicos, pois ao focar só a demanda se esquecem de olhar para a oferta. A conseqüência foi uma rápida perda de competitividade das empresas nacionais (aquelas que pagam imposto e, com isso, os salários dos “economistas-populistas-irresponsáveis”!). Ela foi, na verdade, conseqüência da utilização de tecnologias ultrapassadas, preços não competitivos internacionalmente e baixa qualidade da mão de obra local, mas nada disso os “gênios-oficiais” condutores da política econômica perceberam por estarem embriagados com a idéia de que o aumento do crédito era o remédio mágico para qualquer problema econômico.

O pior dessa história e o pior da atual situação econômica é que os “remédios corretos” levam algum (ou muito!) tempo para fazer efeito.

Para incorporar as novas tecnologias nas empresas nacionais são necessários alguns anos e linhas de financiamento do governo, mas tudo o que não temos é esse tempo e o governo, em

função da sua persistente incompetência, está literalmente “quebrado” e devendo o que não consegue pagar (a dívida interna brasileira já está chegando a 70% do PIB e vai continuar crescendo!). Para continuar importando alguma coisa, dependemos das nossas “commodities” (que são bênçãos da terra e do tempo!), logo perdemos constantemente com as trocas desiguais (há 50 anos atrás um navio de soja compraria uma determinada quantidade de bens industrializados, mas hoje, para comprar essa mesma quantidade de bens, são necessários 2 navios de soja!). Se os problemas anteriores já são complicados, a falta de qualificação da mão de obra é, seguramente, o mais complicado. A nossa qualificação não pode ser considerada ruim, pois ela é, na verdade, péssima! Muitos fatores contribuíram para essa nossa péssima qualidade da mão de obra e entre elas pode-se lembrar: legislação, cultura e educação. Todos esses fatores, para serem resolvidos, precisam de muito tempo, mas algum dia eles precisam iniciar! Na verdade, já teriam que ter começado há décadas atrás, coisa que não fizemos! Estamos atrasados em, no mínimo, duas décadas e o que mais preocupa é que o “nosso novo governo” não parecer dar sinais de que vai enfrentar os reais problemas do lado da “oferta” da economia. Os sinais mais visíveis do seu “novo plano de governo” sinalizam para um “perigoso continuísmo” do incentivo à demanda e incentivo à uma política “populista- irresponsável”. Espero que eu esteja errado.